



**Uma dupla remoção:
eis porque, frequentemente,
os nossos sacramentos não estão
conectados com a nossa vida real.**

"Precisamos de redescobrir o que é essencial ao modo de viver cristão, reinventar os modos de o ritualizar, e reformular o que estes ritos significam, em termos que sejam fiéis tanto ao ensinamento de Jesus, como a uma experiência de vida conforme a tal ensinamento", diz

JOSEPH MARTOS, autor de vários livros e artigos sobre os sacramentos. O

presente artigo é baseado na pesquisa publicada no livro *Deconstructing Sacramental Theology and Reconstructing Catholic Ritual* (Wipf and Stock, 2015)

[Desconstruindo a teologia sacramental e reconstruindo o ritual católico].

Nos primeiros dois séculos do cristianismo, a teologia as-sentava na **experiência**. As palavras usadas, mais tarde, para referir coisas situadas fora do campo da experiência, eram tentativas originais de falar de coisas das quais os fiéis de Jesus tinham experiência. Por exemplo, quando Paulo escrevia sobre a **justificação pela fé**, não estava a falar do modo de a pessoa se pôr em forma com Deus, crendo em Cristo. Estava sim a falar da forma como fazer que a própria vida fosse orientada pela crença de que o que **Jesus** ensinava era verdadeiro. Quando o livro dos Atos fala de se ser salvo através do batismo, não pretende lavar o pecado através de um rito, mas do facto de sermos **salvos do egoísmo**, através da imersão numa **comunidade** de amor recíproco.

Pesquisadores que estudam outros documentos antigos, como "O ensinamento dos doze apóstolos" (com frequência chamado **DIDACHÉ**, da palavra grega que significa ensinamento) descobrem que estes escritos eram, também, tentativas de dizer, claramente, aquilo que os seguidores de **Jesus** experimentavam nas suas vidas. Mas, no século III, as coisas começaram a mudar. Com o tempo, a **experiência** que estava por trás dos primeiros escritos foi

esquecida. Os escritos eram reconhecidos como preciosos e chamados Sagradas Escrituras.

Os intelectuais cristãos do século III, chamados **apologistas**, procuraram explicar a sua fé ao povo no vasto mundo pagão que suspeitava que os seguidores de Jesus fossem membros de um culto perigoso.

Um apologista, **Justino**, comparou a refeição da comunidade cristã a um sacrifício no templo, onde os pagãos compartilhavam a comida na presença do seu deus, para mostrar que os cristãos eram religiosos, também, embora não adorassem no templo. Mas outros **apologistas** começaram a falar da sua fé como um **conjunto de crenças**, mais do que de um **modo de viver**. As palavras começavam a ser **desligadas da experiência**.

No século IV, **Constantino** quis unificar o **império Romano**, atribuindo-lhe uma única religião, e assim legalizou e promoveu o cristianismo. Quando os cristãos começaram a viajar livremente através do império, descobriram que povos, em regiões diversas, tinham diversas teologias. Ao invés de unir o império de **Constantino**, os cristãos discutiram entre si e dividiram-no ainda mais.

Constantino reuniu todos os bis-

pos na sua vila, em **Niceia**, e obrigou-os a permanecer ali enquanto não produzissem um documento sobre o qual todos pudessem estar de acordo. Daí resultou o **Credo de Niceia**, uma declaração de fé que não dizia nada sobre o **modo de viver** segundo o exemplo de **Jesus**, mas falava, somente, de Deus e da Igreja. Estava, assim, efetuada a primeira remoção da **teologia da experiência** da vida cristã.

Na Idade Média a tentativa dos imperadores de evitar o desmoronamento do império falhou, e no século V, a metade ocidental ruiu diante dos invasores bárbaros do norte. Os assim chamados **séculos de escuridão** duraram até ao século X. O pensamento teológico era bloqueado, o povo tinha de lutar para sobreviver. A vida da Igreja, ao contrário, evoluía e prosperava. A elaborada **liturgia eucarística** foi reduzida a uma missa que podia ser dita por missionários que levavam a fé às tribos que se estavam a estabelecer no continente, e que era definida como um sacrifício, embora ninguém se recordasse por quê.

O **batismo** tornou-se um breve rito realizado com criancinhas, numa igreja, ou com adultos convertidos, num rio. A **crisma** podia ser dada por um bispo a cavalo a crianças que eram erguidas para que ele as tocas-se. Foi introduzida a **confissão privada** por monges, para as pessoas que sentiam necessidade de se assegurarem do **perdão de Deus**.

As núpcias transformaram-se numa cerimónia na igreja para, deste modo, constituírem um reconhecimento público do matrimónio. A

ordenação transformou-se numa série de ritos destinados a aprendizes que se preparavam para ser clérigos, enquanto passavam por uma série de ordens sacras. A **unção dos enfermos** começou como um serviço às pessoas doentes, mas, na ausência da medicina moderna, transformou-se num rito chamado extrema-unção.

No século XI o **caos tinha diminuído**. Vivia-se melhor, a agricultura prosperava, o comércio expandia-se, as cidades cresciam, eram construídas catedrais e fundadas escolas. Os monges desviaram a sua atenção da cópia dos antigos manuscritos para o seu estudo. **A filosofia e a teologia renasceram**. Entre outras coisas, os estudiosos dirigiram a sua atenção para os ritos religiosos, especialmente os sacramentos.

Como é que o pão e o vinho se transformavam no corpo e no sangue de **Cristo**? Por que é que o batismo e a crisma só podiam ser recebidos uma só vez? Como atuavam os sacramentos da penitência e da extrema-unção? Quais eram os diversos poderes dos padres e dos bispos? Por que é que o vínculo do matrimónio era indissolúvel?

Mas os estudiosos não se davam conta de que grande parte da sua **linguagem teológica** era já algo de afastado da vida. Pensavam que **salvação** significava ir para o paraíso, que os dons do Espírito Santo não eram sentidos e vivenciados, que os pecados eram perdoados mesmo que cometidos de novo, que o vínculo do matrimónio era indissolúvel, que os poderes dos padres não estavam em correlação com o ministério sacerdotal, e que a extrema-unção podia ser

recebida por pessoas que já não estavam conscientes.

Não viam nada de incorreto numa missa que era pronunciada por **um padre usando palavras que o povo não podia escutar** e, muito menos, entender, e que só prestava atenção quando ouvia soar uma campainha. Nos finais da **Idade Média**, o ministério sacerdotal ia-se transformando, de muitos modos, numa magia sacramental, mas as autoridades da Igreja, repetidamente, não davam ouvidos às exigências de uma reforma, isto até o século XVI, quando metade da Europa se convertera já ao protestantismo.

O Concílio reformou o **sistema sacramental**, eliminando a maior parte das práticas supersticiosas, insistindo que os bispos fossem verdadeiros pastores da sua *grei*, e que os padres fossem preparados em seminários. Do século XVI até metade do século XX, a prática sacramental católica e a teologia sacramental católica foram o reflexo uma da outra. O caráter **batismal** e o caráter da **ordenação** explicavam por que razão os católicos jamais deixavam a Igreja, e por que razão os padres jamais abandonavam o ministério.

A eucaristia era posta em relevo durante a missa, e colocada num ostensório para a exposição do Santíssimo Sacramento, e só raramente era recebida, em geral após uma sincera confissão dos pecados a um padre. O vínculo indissolúvel do **matrimónio** explicava por que os católicos nunca se divorciavam. O **crisma** e a **extrema-unção** não tinham efeitos visíveis, mas os católicos acreditavam, confiadamente, que fosse

bom que a primeira fosse recebida na adolescência, e a segunda antes da morte. A Igreja católica permaneceu medieval na forma e no modo de pensar, até boa parte do século XX.

O Vaticano II e o período subsequente

No Concílio Vaticano II os bispos católicos de todo o mundo solicitaram um *'aggiornamento'* [uma atualização] das práticas sacramentais da Igreja. Historiadores e liturgistas recuperaram as formas primitivas da missa e de outros ritos que se tinham perdido nas épocas obscuras – coisas como orar na língua do povo, receber a comunhão sob a espécie do pão e do vinho, repensar a relação entre pecado e confissão, e restituir a unção ao contexto do ministério dos enfermos.

Inesperadamente, a **unidade de prática e teologia** começou a dissolver-se. O povo deixou de confessar-se regularmente. Os padres começaram a abandonar o presbiterado, e o número dos seminaristas diminuiu. Os católicos casados começaram a divorciar-se em número crescente e até a casar de novo, sem esperar pela anulação.

O principal efeito do **crisma** pareceu ser o de provocar o abandono da Igreja. Mesmo o **batismo** deixou de ser uma garantia de o povo permanecer católico, e até cristão, dado que aqueles que deixavam a Igreja talvez se tenham tornado agnósticos ou ateus, hebreus ou muçulmanos.

Alarmados por esta aparente defeção, os papas **João Paulo II** e **Bento XVI** insistiam numa estrita adesão a regras eclesiais, reafirmando as doutrinas tradicionais,

reprimindo as dissensões, e negando qualquer ulterior desenvolvimento na **prática sacramental**, como permitir aos diáconos a **unção dos enfermos**, ou aos padres a possibilidade de contrair matrimônio.

Mas, as **doutrinas tradicionais** deixaram de corresponder à experiência contemporânea dos católicos em termos de pertença, de matrimônio e de ministério, para não falar do seu sentido do pecado e da sua experiência da enfermidade. Até o **culto católico** deixou de ser sentido como nos dias da missa em latim e do canto gregoriano, e o precedente forte sentimento da presença de Cristo na eucaristia, é difícil de recuperar.

Como no século III, há uma disparidade crescente entre a **teologia e a experiência**, só que, hoje, a teologia é duplamente afastada da vida. O ensinamento oficial sobre a missa e sobre os sacramentos não só é desligado da **vida quotidiana** do povo, como também, com frequência, é desconectado da **experiência do culto** do povo. Para muitas pessoas, a liturgia não é a fonte primária do seu alimento espiritual, nem o momento culminante da sua semana.

No período do **Vaticano II**, pensadores católicos como **Edward Schillebeeckx, Karl Rahner, Bernard Cooke e Louis-Marie Chauvet** procuraram interpretar os sacramentos recorrendo a formas mais próximas da realidade contemporânea. Cinquenta anos depois, no entanto, o seu trabalho não mereceu grande atenção por sofrer de um fatal

defeito.

Ao invés de refletir sobre as **experiências** dos ritos de culto, estes pensadores refletiam sobre as doutrinas sacramentais da Igreja, e procuravam traduzi-las em categorias de pensamento derivadas do existencialismo e da fenomenologia, da psicologia e da sociologia da religião e, até, da filosofia pós-moderna.

Todavia, estando ligados às **doutrinas medievais**, estes teólogos deviam explicar por que razão o **batismo** é permanente, de que forma a **crisma** dá força espiritual, por que razão a **confissão** é necessária, como é que a **unção** ajuda os enfermos, por que razão o **matrimônio** é indissolúvel, e por que razão o **presbiterado** é para sempre.

Estas ideias, porém, deixaram de corresponder ao mundo habitado pela maioria dos católicos, para os quais as teologias contemporâneas se mantêm **afastadas da vida real**, precisamente como a teologia escolástica que tinham pretendido substituir.

Existe um modo de sair desta confusão atual? Existe, mas não é através de uma reafirmação dogmática do passado, nem de uma queda no relativismo cultural. Precisamos de redescobrir o que é essencial ao **modo de viver** cristão, reinventar os modos de o ritualizar, e reformular o que estes ritos significam, em termos que sejam fiéis tanto ao ensinamento de **Jesus**, como a uma **experiência de vida** conforme a tal ensinamento

JOSEPH MARTOS,

publicado por *National Catholic Reporter*, 20-02-2016.

Reflexão básica sobre uma Teologia para uma Igreja em saída

Para promover, hoje em dia, uma teologia para uma Igreja em saída, temos de aprofundar muito mais o conhecimento da sociedade pós-moderna, com as suas tensões, contradições e incertezas.



Humor gráfico religioso: Agustín de la Torre

sair para a sociedade,
para desenvolver ‘a experiência mística’
e o ‘compromisso político’

1. UM LEMA ATRATIVO, MAS INSUFICIENTE.

Na Igreja, há que não esquecer a tentação, sempre latente, de continuar a praticar o que sempre se fez, o que noutros tempos nos serviu para nos sentirmos dominadores e fortes, poderosos e importantes. É, simplesmente, a tentação de continuarmos sem conversão nem trans-

formação nenhuma na Igreja. Entretanto, na nossa sociedade pós-moderna, Deus vai-se convertendo, numa forma cada vez mais acelerada, numa palavra sem conteúdo, numa abstração e, muitas vezes, numa má recordação que deve ser esquecida para sempre. Despertar, hoje em dia, entre nós uma “Igreja em saída”, apenas será possível com a reflexão lúcida e responsável dos

teólogos e teólogas e, sobretudo, com a ação criativa e responsável dos pastores das comunidades cristãs.

2. EM SAÍDA PARA A SOCIEDADE PÓS-MODERNA.

Para promover, hoje em dia, uma teologia para uma Igreja em saída, temos de aprofundar muito mais o conhecimento da sociedade pós-moderna, com as suas tensões, contradições e incertezas. Porquê? Primeiro porque, se a ignorarmos, continuaremos a desenvolver uma teologia concetual, formulada numa linguagem pré-moderna, anacrónica e ininteligível para os nossos dias. Segundo, porque se ignorarmos as questões que emergem da “crise de Deus” nos nossos tempos, não conseguiremos oferecer a Boa Nova de Deus. Vou só deter-me neste último ponto.

O teólogo alemão **J. B. Metz** considera a “crise de Deus” como o “facto nuclear” que se repercute na configuração do ser humano do nosso tempo. Esta “morte de Deus” na consciência humana não é uma boa notícia para ninguém, pois está a arrastar a humanidade para o “niilismo”, que alguns consideram o conceito “definidor da nossa época”. A razão é bem clara. O filósofo maiorquino G. Amengual resume-a numa forma brilhante: “Com a morte de Deus, não só se refere o desaparecimento da ideia de Deus e da metafísica que nela se fundamenta, como também toda e qual-

quer pretensão de oferecer coerência e sentido, fundamento e finalidade, meta e ideais: é o derrube de todos os princípios e valores supremos”.

Não é de estranhar que estejam a surgir questões tão decisivas como inquietantes: onde pode encontrar a consciência humana um novo eixo para orientar o seu percurso histórico? Como deter os desconcertos humanos? **Que sucederá às religiões? Desaparecerão? Transformar-se-ão?** Quem poderá resolver o verdadeiro drama do homem pós-moderno, que parece incapaz de deter a “crise ecológica” que está a pôr em perigo o futuro do planeta? Que fazer quando, nas sociedades mais avançadas, os interesses imediatos são mais fortes do que qualquer planeamento realista e solidário para salvar o futuro da Humanidade?

3. CRÍTICA DA DUPLA TENTAÇÃO FUNDAMENTALISTA E SECTÁRIA.

Já o teólogo **Juan A. Estrada** (ver *Folha Dominical* nº 2230) nos alertava, nos começos deste século, para a dupla tentação fundamentalista e sectária do cristianismo. Ao que parece, esta dupla tendência está a aumentar em largos setores da Igreja que, em vez de se guiarem pelo lema da saída para o mundo atual, se esforçam por voltar ao passado. Estão à espera de que se encerre “o parêntesis de Francisco”, para voltarem à segurança do passado, convertendo a tradição num pilar que vem suprir a falta de cria-

tividade. No fundo deste fundamentalismo integrista, o que se verifica é uma insegurança generalizada, resultante da falta de uma experiência viva de Deus, e uma grande desconfiança no projeto humanizador do reino de Deus.

A esta tendência fundamentalista vem juntar-se, quase sempre, a tendência sectária e dinâmica de “ghetto”. Tenta-se, deste modo, criar uma trama alternativa à sociedade, a partir da qual seja possível preservar, sem problemas, o depósito da tradição. Transforma-se o passado em presente e em matriz do futuro (J. A. Estrada). Não há futuro para uma Igreja fundamentalista e sectária. Ela vive, apenas, para si mesma e perde toda a capacidade de anunciar a Boa Nova de Deus à sociedade atual.

4. Sair atualmente para a sociedade, a fim de promover a “experiência mística” e o “compromisso político”.

Foi **Karl Rahner** quem nos alertou para “experiência mística”: “O cristão do futuro, ou será místico, isto é, alguém que “experimentou” algo, ou não será cristão; porque a espiritualidade do futuro já não se apoiará num ambiente religiosos generalizado, prévio à experiência e decisão da pessoa”. Por isso Rahner denunciava com toda a ênfase: **“A Igreja de hoje deve redescobrir e atualizar as suas próprias forças espirituais.** É que,

para sermos sinceros, no terreno da espiritualidade, nós somos, atualmente, numa tremenda proporção, uma Igreja sem vida... Continuam a predominar, hoje em dia, na Igreja... o ritualismo, o legalismo, a burocracia e um ir arrastando a vida, com uma resignação e um tédio cada vez maiores, através dos habituais carris da modernidade.

Foi o seu aluno J. B. Metz quem abriu o caminho para este compromisso político, com a sua “teologia política”, a sua crítica à “Igreja burguesa da sociedade do bem-estar, e a sua “espiritualidade de olhos abertos”. Duma forma mais simples, as espiritualidades de inspiração oriental ensinam-nos, sobretudo, a “fechar os olhos”, para descobrirmos, no silêncio interior, o Mistério último da realidade. **Parece-me importante que J. B. Metz nos tenha recordado que a espiritualidade de Jesus nos ensina, além disso, a “abrir os olhos” para vermos os que sofrem, os desnutridos, os esfomeados, as mulheres violadas e as esposas assassina-das... ”saindo para as periferias”** (Francisco) e comprometendo-nos a construir um mundo mais digno, justo e fraterno.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA

https://www.religiondigital.org/teologia_para_uma_iglesia_en_salida/Jose-Antonio-Pagola-Salir-experiencia-iglesia-salida-teologos-Papa_0_2184081584.html (12.12.201